



# **A N A I S**

**do I Simpósio de Professôres de  
História do Ensino Superior em 1961**

**MARÍLIA  
1962**

**I SIMPÓSIO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA  
DO ENSINO SUPERIOR**

(15 A 20 DE OUTUBRO DE 1961)

Promovido pela Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Marília, instituto  
isolado de ensino superior do Govêrno  
do Estado de São Paulo.

**MARÍLIA**

1962

## 1 — RELATÓRIO DO TEMA

Preliminarmente, é indispensável que se diga da inconveniência da expressão **matérias auxiliares** e **matérias complementares de História** ao se tratar das disciplinas que nos permitem melhor acesso, maior compreensão e mais convincente interpretação do documento, bem como melhor situação e definição do fato histórico.

Em realidade não se possuem expressões adequadas, que convençam e possam substituir as anteriores. A nosso ver uma matéria que, à primeira vista, possa parecer não trazer auxílio ao historiador, poderá transformar-se, dada a natureza do facto ou do documento, em disciplina auxiliar básica, sem o qual nada poderia ser bem esclarecido.

Do ponto devista essencial, há que distinguir as matérias que permitem estudar o documento, definir e situar o fato histórico, e, que em face da própria História, não têm existência autônoma — preferimos chamá-las “técnicas auxiliares”; existem as que independem da História, têm portanto existência própria e podem diretamente servir à História, constituindo seu estudo, muitas vezes, coisa indispensável ao historiador e ao professor de História, (as matérias complementares).

Se, em verdade, a História é a ciência do **Humano** e se o personagem é tal como o personagem de Terêncio, o historiador poderá dizer “nada de humano me é estranho”. Ademais, preocupando-se com atividades variadíssimas, como o são as

atividades humanas, não se pode deixar de encarar o problema de variadas técnicas e matérias complementares.

Todos estão de acôrdo, cremos nós, como se fez salientar no Seminário de Sèvres de 1951, em que a História não é mais hoje, puramente, “*événementielle*”.

Ultrapassa os limites de pequenas intrigas políticas e de fatos ligados a uma só pessoa, guerras, etc. Tem-se a impressão de que o historiador, com uma tarefa ingente e quase absurda, teria, pois, de ter um conhecimento perfeito de tecnologia, de línguas antigas e modernas, direito, economia, religiões, filosofia, belas artes, etc., uma multiplicidade de técnicas e ciências.

E’ o pensamento dos que, como Bauer e outros, têm estudado a metodologia científica da História. Coisa quimérica, pois não se pode exigir do historiador que seja, culturalmente, um super-homem.

O que dêle se quer exigir, e se deve exigir, como do professor de História, é que saiba de **quem** e do **que** se possa servir para cumprir o seu verdadeiro mister. Tem-se desejado, inútilmente, porque se tem ficado apenas em teoria, pois na prática é irrealizável, levar a especialização, no tocante ao historiador e ao professor de História, a um conhecimento amplo de um número absurdo de matérias. O próprio conhecimento histórico tem sofrido retrocesso, ou, se tem ressentido de tal falha, ou êrro de visão.

Convenhamos que a preparação técnica seja longa, mas que a disposição da mesma através de currículos **pomposos** não venha prejudicar ao conhecimento da própria História, sob o pretexto de se dar ao historiador a possibilidade de se servir de uma série de técnicas ou de ensinamentos decorrentes de uma série de disciplinas. E’ preciso que se tenha bom senso para pensar que num simples curso de formação não se pode e não se deve prejudicar o conhecimento primordial de fatores e fatos fundamentais da evolução humana, sobrecarregando os currículos com disciplinas que, no correr de suas futuras pesquisas pessoais, tanto o professor quanto o histo-

riador, deverão preencher, se realmente sentirem necessidade ou perceberem lacunas em seus conhecimentos, como no caso das matérias jurídicas, algumas de caráter econômico, social, filosófico, etc. Não é possível exigir-se dêles que sejam versados diretamente em técnicas auxiliares e complementares que não sejam absolutamente fundamentais, sob pena de transformar-se o ensino da História, nas Faculdades de Filosofia, num enciclopédismo medíocre e barato, que se tornará inútil pela diplomação de professores que não conhecerão, sequer de modo razoável, matérias complementares nem a própria evolução histórica, não podendo cumprir seus altos objetivos no ensino de grau médio.

Entre as técnicas que são chamadas auxiliares e que devem ser realmente distinguidas das que poderão ser chamadas complementares, conforme acima estabelecemos, é preciso salientar as que, servindo à História, à mesma estando diretamente ligadas, como a Paleografia, a Diplomática, a Numismática, a Arqueologia e o Estudo dos Arquivos, merecem exame especial.

Entre as que são complementares, mais importantes a equipe salientou a importância da História da Arte, História da Idéias Políticas, História das Doutrinas Econômicas, Teorias da História, Sociologia, Estética, História da Filosofia, História do Pensamento Científico e História das Religiões.

Repugna, desde logo, o estabelecer diferenciação para se dizer qual a mais importante entre as diversas técnicas e disciplinas, sem se avaliar o que cada uma representa diretamente para a formação do professor de História.

Na discussão mantida pela equipe, verificou-se que aos currículos de História não poderiam ser estranhas a Paleografia e a Metodologia Científica da História, esta sob as rubricas de Introdução Metodológica à História e de Teorias da História. Julgamos que a Introdução Metodológica à História deverá ser obrigatoriamente incluída nos currículos, quem sabe na primeira série, deixando-se para a última série o estudo particularizado das Teorias da História, que já abrange aspectos altamente filosóficos. Quanto à Pré-História, cremos ser dispensável

como estudo autônomo, podendo figurar, apenas, no currículo como disciplina optativa, o mesmo acontecendo com a Diplomática, a Numismática e a Arqueologia.

Se temos o desejo de formar professôres que não tenham apenas cultura livresca e que tenham maior contacto com o documento, não podemos deixar de exigir o estudo da Paleografia, que nos parece indispensável, sob regime obrigatório, no que toca à Paleografia Ibérica, a partir do século XV. Não há lugar para discutir a importância e a indispensabilidade da Geografia Humana e Econômica e da Antropologia Cultural (Etnologia), parecendo-nos indispensável e absurdo o estudo *tout court* da Antropologia Física com todos os seus apêndices. O caso da Etnografia do Brasil e da língua Tupí no Curso de História é de **mais difícil** solução. Acreditamos que deveria ser de caráter de disciplina optativa.

Entre as matérias complementares seria desejável incluir-se no currículo a História das Idéias e das Doutrinas Econômicas, de suma importância para orientar os futuros professôres na compreensão de determinadas teorias políticas e econômicas.

Não somos adeptos de que se deva incluir obrigatoriamente como matéria complementar, a Sociologia. O Relator julga que melhor seria em caso de possibilidade, estabelecer-se uma disciplina de Introdução às Ciências Sociais, com programa adaptado aos interesses da formação do professor de História. A equipe sugere que a História da Arte receba, no curso de História, consideração que até hoje não teve. Recentemente, se tem pensado, também na inclusão da História da Filosofia, com intuito de dar ao futuro professor de História o conhecimento dos sistemas filosóficos através do tempo. Na Itália, o professor de História é "Agregado de História e Filosofia". Por seu método e por seus processos, a Filosofia se distancia um pouco da História. Reputamos, no entanto, a necessidade de um exame maior da questão, a fim de impedir-se que os professôres de História, formados através de um currículo em que a História da Filosofia poderá vir a representar papel relevante, sofram um excesso de abstração e venham a despre-

zar, demasiadamente, fatores de ordem econômica e social e, como já se disse no Seminário de Sèvres, venham a esquecer "estas correntes subjacentes que influíam tão poderosamente sobre a evolução da humanidade, e nas quais certas pessoas quereriam ver os únicos elementos determinantes da História. Sem ir tão longe, não se pode negar que hoje é impossível desprezar estas forças que, cada vez mais intensamente, agem sobre os destinos dos povos".

Julgamos, portanto, que a História da Filosofia não deva fazer parte dos cursos de formação, e sim encaramos a possibilidade de sua inclusão nos cursos de pós-graduação. No máximo, poder-se-iam organizar algumas aulas sobre Teoria do Conhecimento, cujo estudo me parece muito importante para preparar os alunos ao estudo das Teorias da História. Nunca se deverá erigir a História da Filosofia numa disciplina obrigatória do curso de História, porque pelo mesmo critério, outras mereceriam talvez também o seu lugar. Concebemos que o estabelecimento de questões sociais e filosóficas, como também as que dizem respeito à instrução cívica, só devem ser objeto da formação do professor de História, no momento em que as partes interessadas sintam a necessidade e as busquem, mais tarde, como pós-graduados para completar sua base cultural, e não como objetivo direto que prejudique ao professor de História saber julgar do verdadeiro caráter da História, da natureza e da interpretação de seus fatos, por não terem, no curso de formação, amadurecimento — por falta inclusive de lastro cultural — para emitir juízo de valor diante de orientação e interpretação filosófica de fatos e atitudes.

Na escolha das técnicas e matérias que devem, como auxiliares e complementares da História, fazer parte do currículo, é indispensável encarar o critério de não se sobrecarregar inutilmente a formação do professor, bem como não desviar a sua atenção para problemas que cabem fundamentalmente a outros membros do magistério. Não devemos transformar os professores de História em filósofos, sociólogos ou geólogos, desviando-os da opção inicial, ao se matricularem nos cursos das Faculdades de Filosofia.

**EREMILDO L. VIANNA**  
Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências  
e Letras da Universidade do Brasil

## 2 — EXPOSIÇÕES DE SIMPOSISTAS

### **Professôra Maria Clara T. Constantino**

Reconhece a necessidade de estabelecer-se uma tríplice distinção na problemática histórica:

- a) problemas de análise histórica: localizações do fato histórico no tempo e no espaço, o que exige a contribuição das técnicas auxiliares.  
Pergunta ao professor Eremildo se achava conveniente a distinção entre Paleografia e a Diplomática, que a seu ver parecem intimamente ligadas.
- b) problemas de síntese histórica: para a explicação histórica, a sua problemática apresenta dois aspectos: 1. a determinação de causalidade histórica, que é autônoma, e onde entram as teorias históricas e 2. a situação do fato histórico, que é irreversível. Aceita, como disciplinas complementares, tôdas as indicadas pelo Relator, mais a História das Doutrinas Econômicas.
- c) problemas de Filosofia da História  
(encerrado o tempo da intervenção)

### **Professor Pe. Júlio Lopes**

Pergunta ao Relator qual o lugar da História Eclesiástica no currículo, destacando a sua importância perante a História Geral.

### **Professor J. R. Amaral Lapa**

Encontra dificuldade em aceitar a denominação proposta pelo Relator, de técnicas auxiliares em lugar de matérias complementares. Aceitariam os historiadores, que outros cientistas tomassem a História na acepção de simples técnica auxiliar?

Reconhecendo na atual estrutura das Faculdades de Filosofia algo de enciclopédico, defende, não obstante, a contribuição das técnicas e ciências auxiliares, sem onerar em demasia o currículo.



Defende a propedêutica da História, na medida em que ela se dirige à técnica documental e instrumental, como iniciação do aluno no primeiro ano, enquanto que a especulação filosófica ficaria para o quarto ano.

**Professor Roman Blanco**

Defende a importância da Paleografia no currículo de História, para que os alunos tenham acesso aos documentos antigos, os quais podem oferecer chaves para a interpretação de situações históricas hoje não bem conhecidas ou totalmente esquecidas, como é o caso do “salteo”.

**Professor Guy de Hollanda**

Defende a Introdução aos Estudos Históricos no primeiro ano, para a abordagem de problemas conceituais, Crítica Histórica, além de breve síntese da História da Historiografia.

No final do curso, inclusive podendo ser na especialização, acha que se deve dar História da Historiografia propriamente dita, como curso ou cadeira. Encarece a importância do estudo da História da Historiografia do Brasil e da América.

**Professôra M. Yeda L. Linhares**

Pergunta ao Relator se êste admite um currículo único para a formação, tanto do professor quanto do pesquisador.

Aceitando a distinção entre técnicas e disciplinas auxiliares, pergunta ao relator quais as que reputa essenciais à formação do professor e do pesquisador.

Defende na Introdução aos Estudos Históricos, no primeiro ano, uma parte maior para a História da Historiografia.

Julga desnecessária a Paleografia para a formação dos professores. Discordando do professor Guy de Holanda, que deseja a Paleografia no currículo único, admite-a, contudo, no caso de dois currículos.

**Professor Paulo de Castro**

O historiador pode dirigir-se a técnicos especializados, quando dêles tiver necessidade, dispensando, portanto, que tôdas as técnicas auxiliares figurem no currículo.

Quanto às matérias complementares, acha procedente a inclusão da História da Arte, História das Idéias Políticas, etc. Considera dispensáveis: Geografia Física, Econômica e Humana, porque o historiador se utiliza das contribuições e dados dessas matérias, mediante um tratamento histórico e não geográfico.

**Professor Pe. Luiz Palacin**

Considera a Introdução à História um curso difícil, e por isso devendo figurar no segundo e terceiro anos, sendo que apenas a Metodologia Histórica, ficaria no primeiro ano.

**Professora Eduardo d'O. França**

Faz as seguintes objeções:

1. há equívoco na definição das chamadas disciplinas complementares, não reconhecendo o professor como tal a História da Arte, História das Religiões, História das Idéias Políticas, etc., pois seria uma diminuição do campo da História.
2. Vê uma contradição teórica no relatório, pois no começo o relator se preocupa com a definição e situação do fato histórico, ao passo que logo em seguida toma posição contra uma história *événementielle*.
3. Quanto à distribuição das disciplinas acha que ficou faltando a abordagem do problema de equilíbrio entre as disciplinas complementares e as fundamentais, para a modelagem de um futuro currículo.
4. pergunta se serão viáveis e exequíveis perante a realidade brasileira as matérias que estão sendo lembradas para integrar o currículo.
5. aborda o problema da seriação, perguntando se a integração de tantas matérias complementares no currículo não afetaria o tempo destinado às fundamentais.

**Professor Pedro Calmon**

Destaca a importância do ensino da Etnografia e do Tupi nas Universidades brasileiras, entendendo, entretanto, que de-

vam ser disciplinas opativas. Quanto ao Guaraní, não se pode mais promover o seu intenso ensino com professores brasileiros, pois que essa especialidade desapareceu do Brasil. No entanto, não se pode recusar simplesmente êsse ensino. Criar-se-iam, então, cursos para o estudo da toponímia brasileira, contratando professores no Paraguai.

Quanto às matérias complementares, acha que o ensino da História e das ciências auxiliares sofre de grande mal, que é a sua fluidez. Deveríamos persistir no programa de restrição em favor de maior compreensão, ensinar menos para ensinar melhor.

Acha que a História não deva tratar do fato acidental, mas do acontecimento. Deve ser uma História historizante, narrativa, explicativa, descritiva e interpretativa. A História deve ser histórica.

#### **Professôra Alice Canabrava**

A única dúvida que tinha no tocante ao relatório era se, entre as matérias complementares, seriam incluídas a Economia Política e a Estatística, tendo obtido do Relator resposta afirmativa para ambas.

### **3 — RESPOSTAS AS EXPOSIÇÕES**

#### **À Professôra Maria Clara Constantino**

Concorda, em linhas gerais, com o que disse, inclusive no tocante à sua tríplice distinção, discordando, apenas no que dizia respeito à Filosofia da História, que reconhece ser a maior inimiga da própria História, preferindo a ela as Teorias da História e a História da Historiografia.

Quanto à Paleografia e à Diplomática, responde achar indispensável que não se sacrificasse uma por causa da outra.

Reconhece a irreversibilidade da História, como uma das características fundamentais dela, distinguindo-a das demais ciências de caráter social.

Esclarece ainda que ao se referir às Teorias da História, não indicava as teorias que são meramente conclusões a respeito

de um determinado fato, mas, sim, as teorias gerais da História.

**Ao Professor Pe. Júlio Lopes**

Reconhece a importância da História Eclesiástica, sobretudo para determinados períodos, muito embora ache dispensável a sua inclusão no currículo, como matéria obrigatória, a fim de não sobrecarregá-lo, pois ela só se justificaria em Universidades pontifícias ou na Universidade Gregoriana de Roma. Discorda, portanto, do expositor.

Acha que não se deve dar maior importância às matérias complementares do que às fundamentais.

**Ao Professor J. R. Amaral Lapa**

Esclarece que distinguiu as técnicas auxiliares, como as disciplinas que dependem da História e as matérias complementares, como aquelas que têm autonomia, existência própria.

Reconhece, também, que as técnicas auxiliares e as matérias complementares não devam onerar os currículos, para não torná-los inexecutáveis.

**Ao Professor Roman Blanco**

Concorda que a Paleografia seja indispensável à formação do pesquisador e necessária à formação do professor, a quem deve ser dada pelo menos pequena iniciação.

Reconhece como um mal dos nossos currículos servirem à formação simultânea do pesquisador e do profissional. Nesse sentido, acha que a orientação para a pesquisa deva ser dada a partir do quarto ano, quando o aluno já tem uma base para tal.

**Ao Professor Guy de Hollanda**

Concorda com a sua exposição, achando apenas que devam ser dadas somente as Teorias da História mais importantes, pois seria impossível dar todas.

**A Professora Yeda Linhares**

Declara que acha possível a separação entre técnicas e disciplinas auxiliares, de acordo com os currículos diferentes, para profissionais e pesquisadores.

Quanto a êsses currículos declinou em enunciá-los devido ao fato de que a distribuição e diversidade curricular deverá ser tratada na última sessão do Simpósio.

Encarece a importância da pós-graduação, que realmente faz a vida e o valor universitários, por isso acha que não se deva dar tudo ao curso de formação em detrimento do pós-graduado.

#### **Ao Professor Paulo de Castro**

Reconhece ser difícil estabelecer um critério de valores das técnicas auxiliares, isto é, quais seriam principais, quais secundárias.

Só observando o interêsse real do aluno em aprender determinadas coisas e a carência que o mesmo apresenta na sua formação é que se poderá dar essas técnicas em cursos fora do currículo.

Encarece a importância da Geografia Econômica, como base de estudo para o aluno de História.

#### **Ao Professor Pe. Luiz Palacin**

Não concorda que haja dificuldade em que a Introdução Metodológica à História seja dada no primeiro ano, ficando a parte filosófica para o quarto ano.

#### **Ao Professor Eduardo d'O. França**

Discorda que, denominando matérias complementares à História da Arte, História das Religiões, etc., esteja retirando o caráter ideológico, estético e econômico da História. Êsse caráter não o impede de dizer que essas matérias sejam disciplinas inteiramente autônomas.

Defende a contratação de professôres, mesmo no exterior, para lecionar as matérias essenciais ao currículo.

Reconhece que, realmente, a associação mal feita de matérias complementares e técnicas auxiliares às cadeiras fundamentais pode matar o ensino da História, levando o aluno à dispersão e enfraquecendo o currículo.

#### 4 — ÚLTIMAS INTERVENÇÕES

**Professôra Maria Yeda Linhares** — Acha que a Paleografia como cadeira ou curso completo seria dispensável, ao passo que um curso intensivo e limitado de um mês, por exemplo, seria suficiente, visando a utilização pelo futuro professor de textos da História Brasileira do século XVI ou da História Portuguesa do século XV. Tem dúvidas quanto ao caráter optativo da Etnografia do Brasil, pois acha que devemos dar real importância às matérias que tratam do nosso país.

**Professôra Sônia Siqueira** — Pede um esclarecimento sobre a omissão da História Ibérica no currículo, tanto entre as matérias essenciais, quanto às complementares.

**Professor Pe. Weiss** — Considerando a História das Teorias Econômicas e a História da Economia coisas bem diferentes, pergunta qual das duas deve ser considerada matéria complementar ao curso de História? Pergunta, ainda, como seria possível lecionar Paleografia em Faculdade que não dispõe de nenhum documento? Aponta uma solução com a criação de um Instituto Nacional de História.

**Professôra Maria Conceição M. Ribeiro** — Indaga se seria possível ao Simpósio recomendar às Faculdades que já possuem em seus currículos, em caráter obrigatório, 10 a 12 matérias auxiliares e complementares, nas segunda e terceira séries, maior atenção no sentido de ensinar menos para ensinar melhor.

**Professor Pe. Júlio Lopes** — Afirma que não pretendia a obrigatoriedade da História Eclesiástica, pois seria sobrecarregar os alunos. Acha, entretanto, que dada a sua importância, deve ser previsto um lugar para ela, mesmo entre as matérias complementares.

**Professôra Maria Clara Constantino** — Propõe a substituição do curso de História Ibérica, entre as matérias complementares, pelo curso de Instituições Ibéricas pois não entende como se possa fazer uma História Ibérica, uma vez que a Ibéria é

constituída de um núcleo natural de duas nações. Explica, a seguir, o sentido em que empregou na sua exposição a expressão Filosofia da História.

**Professor Nilo Garcia** — Discorda do professor Roman Blanco, quando afirma que no Brasil só se tem ensinado erradamente o problema das bandeiras, achando que há exagero nessa afirmação.

**Professor Guy de Hollanda** — Lembra ao Pe. Weiss que há muitas Faculdades que poderão salvar mananciais de documentos através do incentivamento do estudo da Paleografia. Ao professor Pedro Calmon faz lembrar que a Universidade da Bahia possui um grande tupinólogo, o professor F. Edelweiss. Em resposta ao professor França, não reconhece que os professores de História tem descaso pela Filosofia.

**Professor José Antônio Tobias** — Pergunta por que apenas se falou da Epistemologia quando é inegável a importância da Estética, da Moral e da Introdução à Filosofia, para a formação do historiador.

**Professor Otelo Laurent** — Insiste na objeção de que a História da Arte, História das Doutrinas Econômicas, etc., não são disciplinas complementares da História, mas a própria História. Assim, essas disciplinas deveriam figurar em cursos de especialização e pós-graduação.

**Professora Amélia Americano de Castro** — No tocante à diferenciação que se cogitou, de matérias complementares, para o curso de formação de professores e de especialização, considera matérias como a Introdução Metodológica à História, Teorias da História, etc., essenciais ao currículo de formação de professores, pois deve haver uma indissolubilidade entre o método e a matéria.

**Professor Roman Blanco** — Esclarece ao professor Nilo Garcia que não foi o zelo excessivo de paleógrafo que o levou às declarações que proferira sobre a história das bandeiras, e sim o interesse pela verdade histórica. Considera o assunto das ban-

deiras e de outras instituições bélicas como o mais vital de toda a história do Brasil.

**Professora Olga Pantaleão** — Lembra, em resposta ao professor Pe. C. Weiss que, graças aos microfimes e microfichas, qualquer Faculdade poderá usar documentos para o ensino e o estudo da Paleografia.

**Professor Eduardo d'O. França** — Discorda do relator, quando este achou desnecessário que se dê Filosofia da História, pois não pode entender como se possa dar uma Teoria da História válida sem conhecimento básico da Filosofia da História, como, também, não o entende uma História da Historiografia sem a Filosofia da História. Não concorda ainda com o mesmo, quando preconizou a pesquisa depois do ensino. Acha que não pode ser feito ensino válido de pesquisa sem que ao mesmo tempo se ensine aos alunos como pesquisar.

**Professora Cecília Westphalen** — Acha que a Faculdade de Filosofia deve, também, cuidar da formação dos pesquisadores, com o mesmo carinho que o faz com relação aos professores secundários.

## 5 — RESPOSTAS FINAIS

Em resposta aos professores que abordaram a questão do ensino da Paleografia, acha que o mesmo deve ser feito através de lâminas e de textos já conhecidos e interpretados.

Respondendo, também em conjunto, aos expositores que focalizaram o problema da pesquisa, afirma que não se deve confundir a pesquisa ambiciosa com a simples aprendizagem para a pesquisa, pois o aluno no seu curso de formação é iniciado apenas nas técnicas de pesquisa.

Recorda, inclusive, que nas repúblicas socialistas, como, também, nos Estados Unidos, houve demasiado interesse pela pesquisa. Chegou-se, então, a um ponto em que havia a formação mais de pesquisadores que de professores porque o pesquisador era melhor remunerado.

O resultado foi que os professores passaram a receber mais, a fim de evitar que se chegasse a um ponto em que o



pesquisador não teria a base necessária, e nem quem os formasse, porque a pesquisa não anula o ensino. E' preciso que o aluno tenha um ensino essencial para chegar à pesquisa. Nos referidos países está havendo um amplo movimento em favor da pesquisa na pós-graduação, no campo da Física. Nos Estados Unidos, por exemplo, as Universidades particulares recebem soma imensa de recursos do Estado para êsses cursos de pós-graduação.

Nós, aqui, temos conseguido formar um ou outro pesquisador paralelamente ao curso de formação, mas aquêles que são pesquisadores de fato, são formados depois da graduação. Formar pesquisadores nos cursos de formação, onde os alunos não têm método, é jogar dinheiro fora.

O contacto dos alunos com as fontes é apenas de aprendizagem. Considera a pesquisa algo muito mais elevado. Acha, portanto, que devemos dar ênfase aos cursos de pós-graduação, já que temos dificuldade em formar até bons professores e bons pesquisadores.